



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O cão e a
nosta de carne



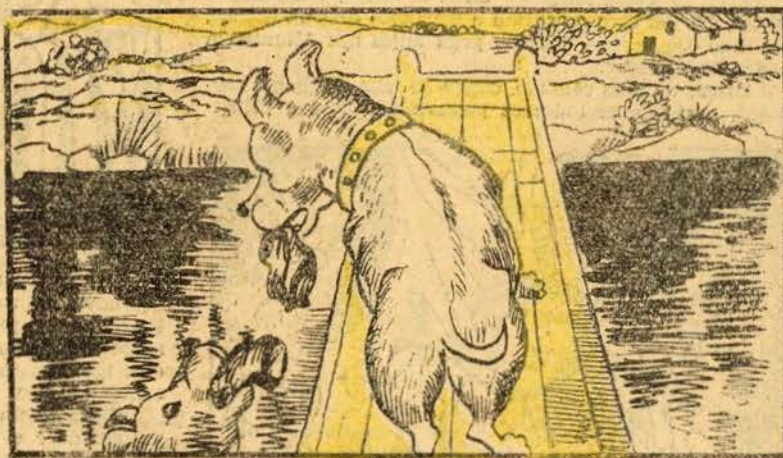
Adaptação dum conto inglês, por MANUEL PEREIRA

Desenhos de A. CASTANE

O *Fidalgo* é um inteligente cão, deveras mansinho, que, no estabelecimento do senhor Marques, seu dono, dá que fazer aos fregueses.

No entanto, faz a alegria de todos, visto ser muito brincalhão e um grande caçador.

Aconteceu, porém, que um dia, pelo aniversário natalício do senhor Marques, a criada d'êste comprou um bom bocado de carne para o



jantar e pô-lo num prato, em cima duma mesa.

O *Fidalgo*, que é malteiro e guloso, assim que viu a carne mal arrumada, começou a pular de contente e, quando a criada voltou as costas, *zás...* saltou a cima da mesa e roubou-a.

Quando, com ela, na bôca, ia fugindo, passou por uma ponte denominada *Ponte das Barcas*, e reparou na corrente de água onde a sua imá-

gem se reflectia. Parecendo-lhe que era outra tanta carne, atirou-se sofregamente à água para a apanhar. Para tal fim, abriu a bôca e deixou cair a carne que levava, ficando, por êsse motivo, sem nenhuma.

E' o que acontece aos que deixam as coisas certas e estão constantemente a cobiçar as alheias.

Quem tudo quere, tudo perde.



A PRINCEZINHA DOS OLHOS VERDES

por JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

A' amiguinha Zoé que, pelo seu tipo primoroso e espirito sonhadór, bem podia ser a protagonista d'êste pequenino conto.

HAVIA uma ilha chamada da Felicidade e que era, na verdade, uma terra extraordinária, que lembrava o bíblico Paraíso antes dos nossos pais, Adão e Eva, viverem, antes de terem provado a fruta do Mal.

Essa ilha era governada por uma princezinha linda, cujos olhos verdes tinham a transparência do azul celeste e a mais terna e perturbadora expressão que Deus pôs em seres humanos.

Vivia a princezinha dos olhos verdes, como lhe chamavam, uma vida original, que nada tinha de parecido com a vida que nós vivemos.

Levantava-se cedo para passear nos seus jardins, e, logo que saía, ouvia-se um estranho chilrear de muitos milhares de passarinhos de todas as cores, tamanhos e feitios, que em côro cantavam o mais belo hino do mundo, um hino que parecia cantado pelos anjos nas Alturas em honra do Salvador.

Depois do hino cantado, depois de feita a original saudação, lançavam-se todos os passarinhos sôbre a prince-



zinha, porfiando em beijá-la primeiro, em poisar sôbre os seus ombros, os seus cabelos, o seu próprio peito.

Era lindo isto!

A princezinha e os passarinhos enchiam, depois, de encanto e lirismo toda a ilha. Ela, passeando a sua formosura, o seu encanto incomparável, e a revoada das aves enchendo a ilha de gorgeios, de bulício, dum espectáculo incomparável de beleza.



E isto era mais lindo ainda. Mas o mais curioso é que havia, na referida ilha, uma original Fonte de Ouro e Prata, onde a princezinha ia tomar o seu banho matinal, rodeada dos seus encantadores e pequeninos companheiros, que, também, se banhavam, espanejando e chilreando de contentamento.

Nesta Fonte de Ouro e Prata, a água era cristalina e perfumada e cintilava em reverberos doirados...

O mais estranho de tudo, porém, era que a beleza e o encanto da princezinha, dos seus jardins e das aves, generalizava-se a toda a ilha, de modo que essa ilha correspondia, em tudo, ao nome que tinha. Era a Ilha da Felicidade, onde as árvores eram sempre loiras, os pomos sempre vermelhos e doirados, e onde havia sempre paz e fartura.

Terra bemdita!

•• ••

Próximo da Ilha da Felicidade havia uma outra ilha, que era governada pelo Príncipe Mau, um homem de maus instintos e de coração perverso. E essa ilha era, ao contrário da outra, uma terra árida, onde as seraras eram raquíticas, os passarinhos não cantavam, as árvores tinham o triste aspecto dos imbondeiros, sem folhas nem frutos, e o sol era inclemente, ressequindo tudo, incluindo as próprias fontes.

Era a terra da Dór.

O Príncipe Mau, quando saía só encontrava desolação



em volta de si, quadros tétricos e dolorosos, que a sua alma cruenta não sentia, que os seus próprios olhos não viam. E encontrava sempre, também, uma velhinha, que, sendo velhinha, mas bela e suave, teimava em pedir-lhe uma esmola nunca concedida pelo Príncipe, e nunca gosada pela simpática pedinte.

Ora esta velhinha era nada mais nada menos que a Fada do Bem, uma fada que desejava modificar a crueza daquela terra com o aperfeiçoamento moral do Príncipe.

Como podia a terra ser bela e feliz se o seu chefe era mau, cruel, ingrato?

•• ••

O Príncipe adoeceu um dia, depois de ter feito a sua habitual volta de vigilância em redor dos seus minúsculos domínios.

Foram logo chamados os médicos, todos os médicos de grande nome e grande ciência.

Mas nenhum deles soube fazer o preciso diagnóstico da doença súbita e misteriosa, e também gravíssima.

O Príncipe ia morrer, delirando em febre, diante da ciência impotente, quando um médico velho, muito conhecido de toda a ilha e da vida íntima da sua população, disse o seguinte diante do pasmo dos seus desalentados colegas:

—«Há aqui próximo uma velhinha, em que ainda ninguém reparou mas que possui poder estranho e maravilhoso. Proponho que seja chamada e lhe perguntemos como havemos de salvar o Príncipe!»

O espanto e a incredulidade foram iguais. Sorriam os homens de ciência. Mas o velho insistiu e a velhinha, a Fada do Bem, foi chamada.

Assim que chegou, declarou, logo que viu o nobre enfermo, que a sua doença era de fácil remédio, e que breve seria curado se a Princezinha dos olhos verdes fosse chamada.

Assim se fez.

A Princezinha entrou na ilha, bela, sorridente, luminosa, envolta pela aureolada nuvem das suas avezinhas, que esvoaçavam caprichosamente e cantavam as mais ternas árias.

Logo que chegou ao leito do Príncipe, a Princezinha pôs a sua delicada e suave mão sobre a testa do doente febril e restituiu-lhe a saúde.

Milagre!

A Princezinha era uma princesa encantada, com poderes maravilhosos.

•• ••

O Príncipe Mau deixou de ser mau, duro, irreverente, incensível ao bem, à dor e à beleza. Passou a ser, sob a doce e milagrosa influência da bela princezinha, um príncipe bom e encantador.

E casou com a Princesa.

Que alegria nas duas ilhas houve então, e que festas raiosas se fizeram.

Lindas fadas encantadoras apareceram e dançaram danças maravilhosas ao som de acordes celestiais e de harmoniosas árias das aves.

E o povo chorou de alegria, e a ilha inhóspita floriu, as árvores reverdeceram, as searas deram pão, as fontes tiveram água cristalina.

A Fada do Bem fizera o milagre.

O triunfo da Bondade tinha sido completo.

Os doces olhos verdes da Princezinha nunca mais viram panoramas cruentos e duros. A Ilha do Príncipe era o prolongamento da sua.

JOSE TEIXEIRA JUNIOR

■ FIM ■

CORRESPONDENCIA

Fernandinho X. C. — A tua sugestão não nos parece má. Talvez, em breve, possas ver realizado o teu desejo.

Manuel Gamão Reis — A tua colaboração é, por enquanto, muito deficiente. Mas não desanimes. Tens algumas qualidades que, mais tarde, serão devidamente apreciadas.

Branquinha — Os teus versinhos têm pouco colorido, como o teu nome. E's muito novinha ainda, mas... atrás de tempo, tempo vem.

Ricardo Guerreiro, — O teu cavaleiro é maior do que o cavalo. Manda outro desenho mais proporcionado.

Lili Rosa. — Obrigado pelos elogios. Estamos ao teu dispôr. Podes, pois, contar com a nossa benevolência e simpatia.

Tio Paulo



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de CASTAÑE

ANITA e Gabriela são duas pequenitas de doze anos, que frequentam a mesma escola há ano e meio, seguindo a par no mesmo adiantamento. Ambas estudiosas e aplicadas, a-pesar-de serem, por temperamento, por sensibilidade e coração, inteiramente diversas, não se dão, todavia, muito bem. Ambas caprichosas, ambas dotadas de habilidade manual, há, contudo, uma diferença fundamental entre ambas.

Anita é profundamente observadora, minuciosa em tudo, de raciocínio claro e deveras arguta mas, também, excessivamente vaidosa e até mesmo, por vezes, petulante.

Gabriela, não menos observadora, é menos minuciosa na execução do que faz; dotada duma visão mais ampla, não atendendo



aos pequeninos detalhes e por menores das coisas objectivadas, é mais emotiva e duma affectividade imensa, concentrando no olhar toda a graça envolvente. Mais recolhida, menos expansiva do que Anita, é, por isso mesmo,

mais modesta, mais tímida, mais humilde e simples.

Certo dia, na aula de desenho, a professora, seguindo a regra estabelecida, foi buscar dois cadernos quadriculados com desenhos impressos e disse-lhes: — «Minhas meninas, copiem daqui, em vossos cadernos quadriculados, um desenho à vossa escolha e venham, depois, mostrarmo».

Anita, que sabia ter uma grande habilidade para copiar, exclamou, prontamente, com um sorrisinho orgulhoso, certa do seu triunfo: — «Sim, minha senhora: escolho esta cafeteira que me parece ser das coisas mais difíceis».

Gabriela, a quem, por ter mais imaginação, repugnava, instintivamente, copiar fôsse o que fôsse, aceitou o encargo da professora com menos entusiasmo. Entretanto, como a sua condiscípula, dirigiu-se imediatamente para o respectivo lugar, principiando a tarefa de copiar um banco, conforme prometera à professora. Mas ou porque o quadriculado lhe dêsse a impressão da grade

ração se iria enclausurar, porque estivesse nervosa ou porque tivesse o culto do imprevisto e sentisse a inutilidade dum esforço improdutivo, fazendo o que já estava feito, o certo é que não conseguiu reproduzir o desenho.

Contudo, caprichosa como era, não querendo aparecer junto da mestra, com as mãos a abanar, tomou a resolução de desenhar uma cadeira, que aparentava maior dificuldade que um simples banco de cozinha, mas de memória, sem a copiar de parte alguma, portanto, e em papel sem ser quadriculado.

Embora imperfeito e irregular no conjunto das suas linhas, o desenho da cadeirinha, feito por Gabriela, dava bem a impressão do objecto imaginado.

Concluídos ao mesmo tempo os dois trabalhos escolares, eram, agora, entregues à professora que sobre elles iria pronunciar-se.

O desenho de Anita foi o primeiro a ser examinado, merecendo da mestra a nota de muito bem. Anita, sorridente, lançou,

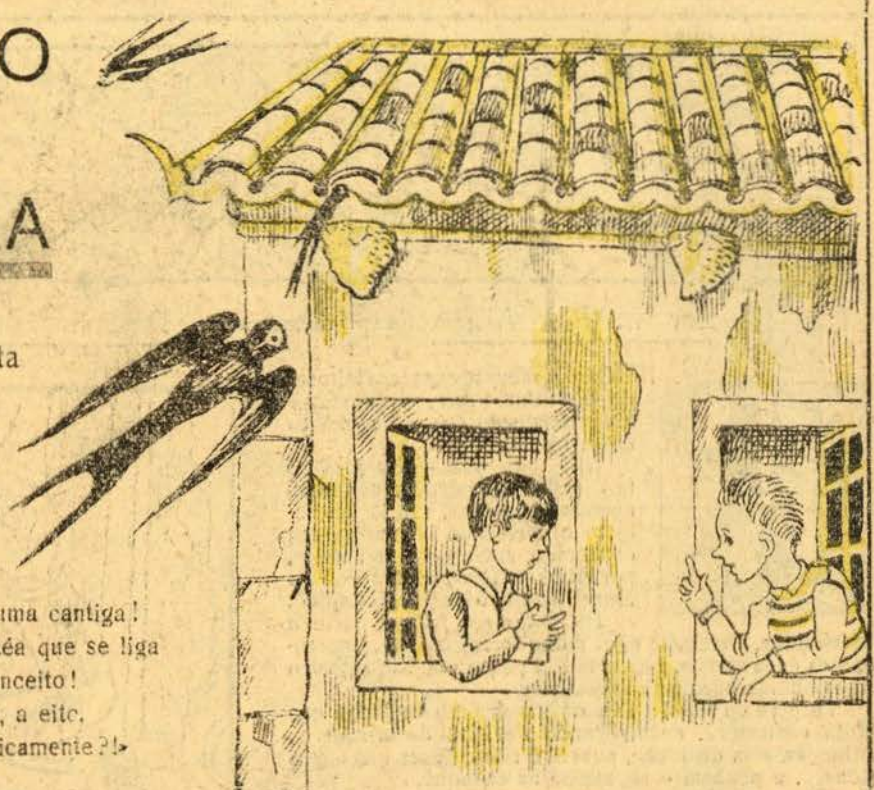
(Conclui na pag. 7)

A NOÇÃO DA PÁTRIA

POR

Augusto de Santa Rita

Desenho de **CASTANÉ**



— «Isto de Pátria, Zeca, é uma cantiga!
A Pátria é o Mundo!... A Idéa que se liga
a tal palavra é mais um preconceito!
A nossa terra é o mundo todo, a eite,
porque há-de ser um canto unicamente?!»

Assim dizia, inconscientemente,
Pedrinho ao Zeca, seu vizinho e amigo,
cada qual debruçado em seu postigo,
uma destas manhãs, precocemente
primaverís, de loiro Sol, já quente
e céu azul. O Zeca, todavia,
discordava de tudo quanto ouvia
e, discutindo, argumentava:

— «Não!

A Pátria é o nosso ninho, o ideal torrão,
o sagrado cantinho em que se nasce!
Onde a gente se amolda e cresce e faz-se
à maneira dos nossos bisavós,
e ao jeito do seu Ritmo. Onde nós
aprendemos a amar a própria língua!»

— «Será! Talvez!»

Responde Pedro, à míngua
de argumentos; porém, volve indecizo:

— «Se o mundo é grande, para que é preciso
limitá-lo, estreitá-lo entre fronteiras,
na confusão de tanto estranho idioma?!»

Nisto, súbitamente, no ar assoma,
junto ao beiral da casa em que viviam
Pedrinho e Zeca, (os dois que discutiam
com tanto ardor, acaloradamente,
esta noção de Pátria, transcendente),
um casal de andorinhas, as primeiras

que, vindas de parágens estrangeiras,
regressavam, de novo, ao Pátrio lar
cortando o azul do Céu, riscando o ar,
saudosas do seu ninho que inda em cima
se via no beiral e dêste clima
tão privilegiado que é o nosso!
Com que enorme prazer, com que alvoroço
elas voavam em redor do ninho!

Vendo-as, impressionado, então, Pedrinho
ficando-se a cismar, emudeceu,
de olhos nas andorinhas e no Céu.
Mas, logo, o Zeca, comovido, exclama,
sentindo dentro d'alma a ardente chama
do pátrio sentimento, o Amor mais alto:

— «Repara, Pedro, o estranho sobressalto
das andorinhas, regressando ao lar!
Veem de muito longe, sôbre o mar,
rios e montes, a voar sem tréguas,
pelo espaço sem fim, léguas e léguas,
a fim de regressarem aos seus ninhos!
Repara, Pedro, assim como na gente,
até no coração dos passarinhos
esta idéa de Pátria está latente!

■ F I M ■



Por MARIA ALDA

Desenhos de CASTAÑÉ



PRINCIPIO, meus pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum», por lhes fazer a apresentação dos protagonistas desta história:

Gilo, que, pelas suas proezas nos saltos, e porque, contando apenas nove anos, era já um valente e destemido rapazinho, era conhecido, entre os seus amigos, por «Richard Dix»; o Zéca e o bom Manelito. Eis o elenco masculino.

Do feminino, faziam parte a Marietinha, dezasséis anos muito tormosos, Lili, interessantes doze anos e, finalmente, a pequenina Ruth, quatro anos endiabrados mas lindíssimos.

Véspera de Natal! Dia do nascimento de Jesus, que Ruth comemora, encarregando Pai Noël de brindar as crianças, sem distinção, pobres e ricas, desde que sejam boas... e ponham o sapatinho na chaminé.

Lili, muito chorosa, vai ter com o Gilo para lhe dizer que estava muito triste e aborrecida: — «O Zéca recusara-lhe um bocadinho de brôa e, ainda por cima, lhe fizera uma careta!»

— «O quê? Ele não repartiu contigo a brôa e fêz-te uma careta?!» exclama «Richard Dix», que, dum salto, vai ao quarto dos brinquedos, indo encontrar Zéca montado no «Relâmpago», um enorme cavalo branco, de papelão e cauda de estôpa e diz-lhe:

— «Ora viva lá, seu Zéca, seu lambão de brôa! Toma



As tradicionais filhoses alouravam na enorme frigideira, repleta de azeite, com as demais frituras. Não tarda que aqueles seis pequeninos comilões se sentem em volta da enorme travessa. Zéca e Gilo, ao mesmo tempo, estendem as mãos para apanharem uma filhós, que se distinguia das outras, pelo tamanho e porque estava repleta de mel. Nenhum, porém, se atreve a pegar-lhe e retiram as mãos, embaraçados e confusos, lembrando-se da cena de há pouco. Lili, compreendendo o motivo de tal confusão e embaraço, pretende uma reconciliação e, pegando na filhós, divide-a em duas partes iguais e oferece-as a cada um dos amuados, dizendo:

— «Façam as pazes: lembrem-se que é véspera de Natal... Não quero que estejam zangados, tanto mais que fui eu a causadora».

— «Sim, acrescenta Ruthinha, o Menino Jesus não dará bonitos ao Gilo e ao Zéca, porque eles são maus...» Mas não houve maneira de os reconciliar.

De manhã, muito cedinho, todos correm para a chaminé, onde tinham colocado, na véspera, os sapatinhos. Em todos, Pai Noël deixou os presentes enviados por Jesus, excepto nos de Zéca e Gilo que, em vez dos esperados brinquedos, continham, cada, uma carta assim concebida:

«Irmãozinhos — Sou eu, Jesus, que vos escrevo. Do Céu, onde habito, vejo tudo o que se passa. Aos bons dou o prémio; aos maus o castigo. Sede, portanto, bons, se quereis ter tudo o que desejais, se quereis, numa palavra, a — FELICIDADE.

Então, Zéca e Gilo, abraçando-se comovidos, prometeram, e cumpriram, tornar-se bons, do que lhes resultou serem absolutamente felizes.



lá, também, esta bolachinha!» E, mal terminado o cumprimento, dá no pobre Zéca, um enorme bofetão.

Zéca, mal feito da surpresa, sinceramente indignado, apeia-se do seu cavalo. Começa, então, entre os dois — Zéca e Gilo, — um «autêntico» combate de «box».

Ao barulho produzido pela «luta», acudiram Marieta, Lili e Ruth, que os separaram, recomendando-lhes calma e que se não esquecessem de que, nessa noite, fazia Jesus a distribuição de brinquedos aos meninos, mas só aqueles que fôsem bons.

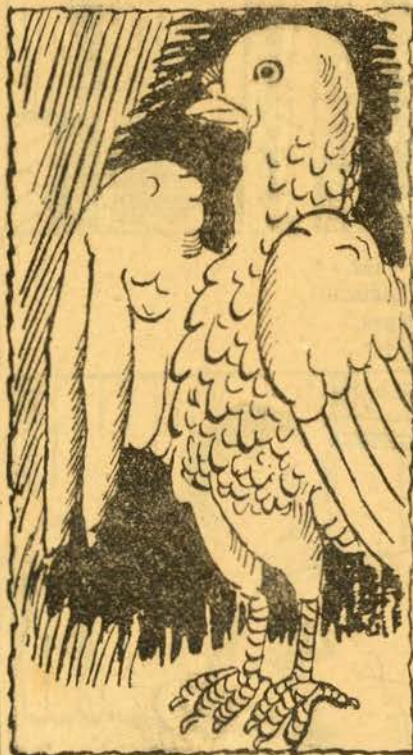
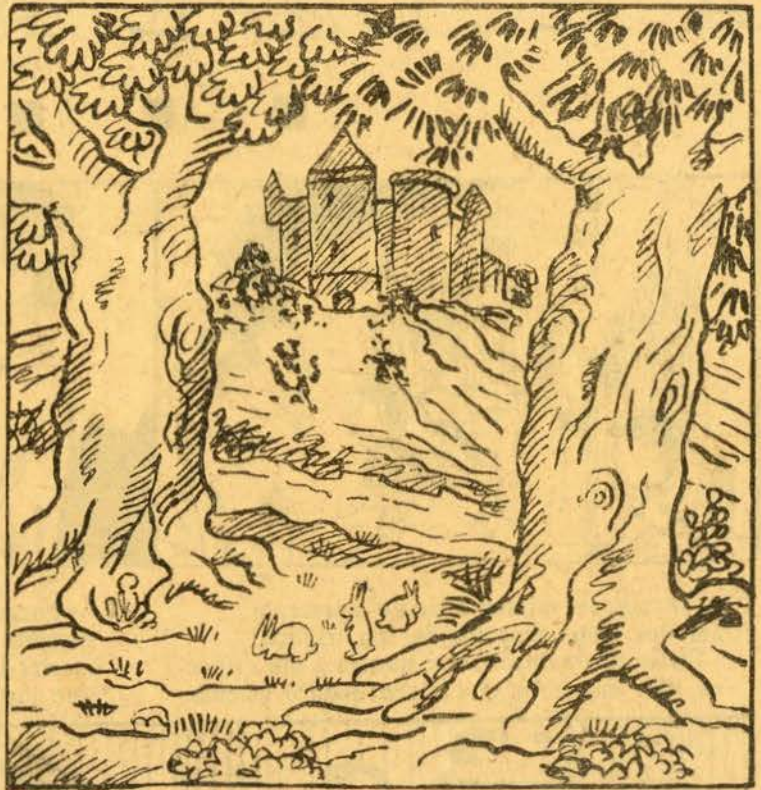
O desenho original PARA OS MENINOS COLORIREM

(Continuação da pag. 4)

então, um olhar sôbre o desenho irregular de Gabriela e não poude deixar de se rir, à sucapa, num ar irritante de desdém e de troça.

Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver a benévola atitude da professora e, mais ainda, ouvindo-a elogiar Gabriela e rematar o seu louvor com a mais alta nota.

Ante a admiração de Anita, a professora explicou-lhe, então, o motivo porque assim distinguia a prova escolar de Gabriela: é que o desenho desta, duma superior categoria, revelava qualidades criadoras, obra imaginativa, que afirmava, a-pesar dos seus erros de forma e de técnica, mais do que simples habilidade manual, uma bela intuição, que é o primeiro sintoma da vocação ou seja do talento.



Meus meninos.

Vejam se descobrem o grande amigo deste borracho.

PALAVRAS CRUZADAS

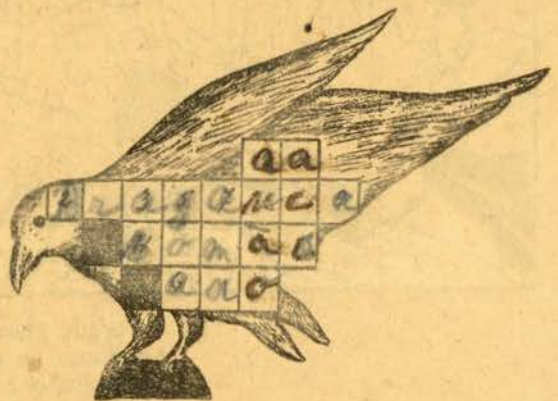
Problema

HORIZONTAIS

- 1 - Vogais
- 2 - Cidade de Portugal
- 4 - Nome de homem
- 6 - Vogais

VERTICAIS

- 1 - Homem pequeno
- 3 - Fluido
- 5 - Cidade da India
- 7 - Dona de casa
- 8 - Metal rijo
- 9 - Vogal



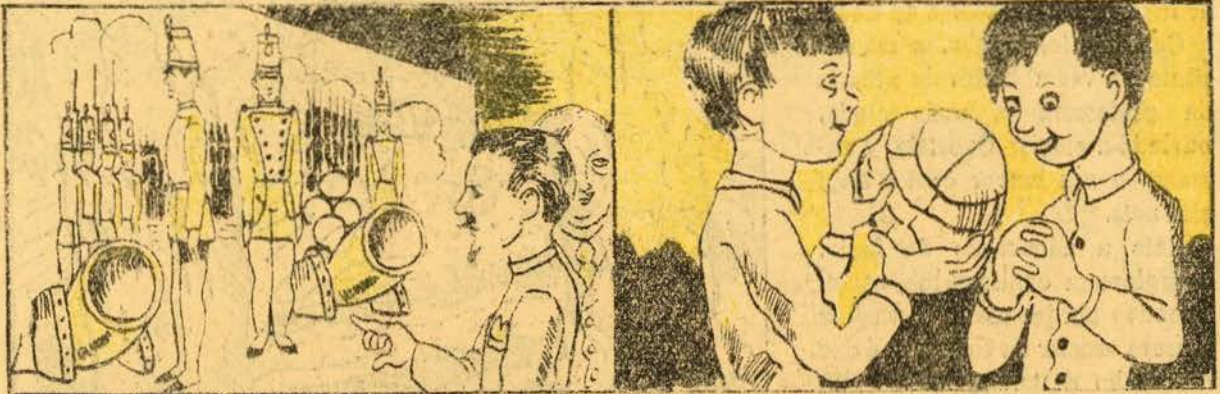
Problema de Horácio Mauricio

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO NUMERO ANTERIOR

	B								
				B					
				A					
									A

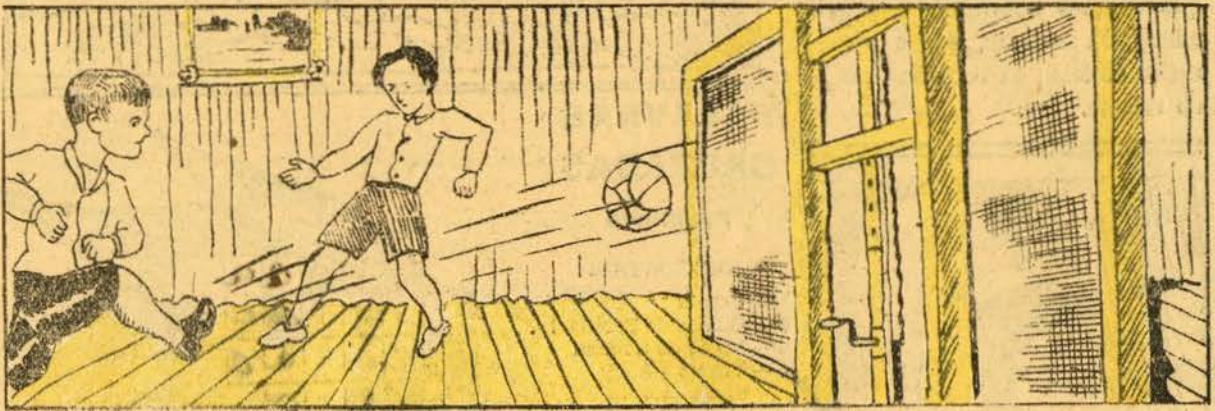
Cortar pela linha indicada e juntar A com A e B com B

A BOLA E A BALA

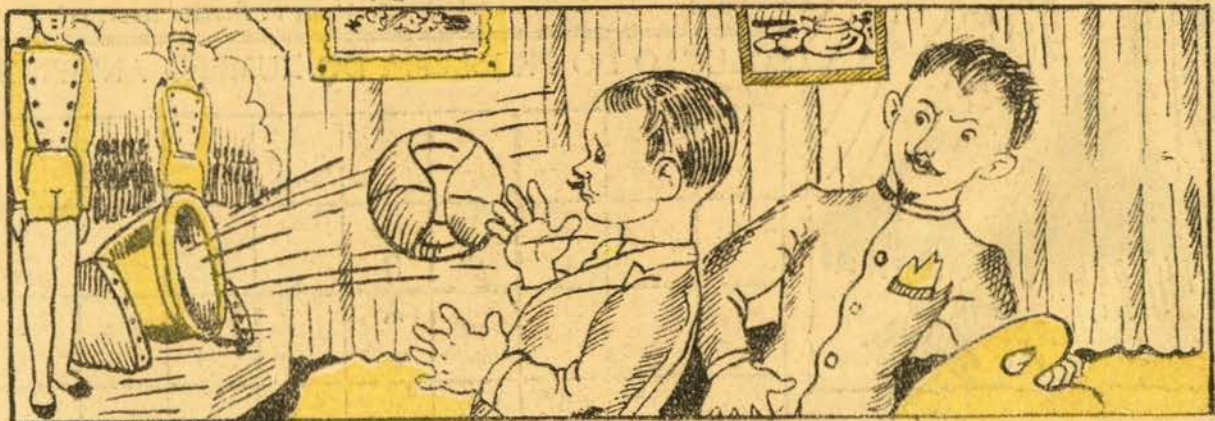


I — O notável pintor Cláudio apresenta um dos belos aspectos do seu triptico: — *Guerra Peninsular*, e mostra a um crítico os dois morteiros que o seu quadro ostenta.

II — Entanto, o filho do pintor, Luisinho, compra uma grande bola e vai, com ela, mostrá-la ao seu amigo Fernandinho que logo exclama: — «Mas que rica pela!»



III — Porque chove na rua, mesmo em casa, (enquanto ao outro mostra a tela o Cláudio), Fernandinho e Luís, de olhos em brasa, jogam o «foot-ball», com grande gáudio.



IV — Ante os morteiros da famosa tela, de pasmo e espanto, boquiaberto, logo, diz ao pintor o crítico — «Que bela execução! Só falta fazer fogo!»

V — Súbito, a um forte pontapé de Luís, fura o morteiro a bola, a qual acerta precisamente, em cheio, no nariz do que, pasmado, tinha a bôca aberta!